

# Mariuá

## O maior arquipélago fluvial do mundo

Atenção, senhores editores de atlas, compêndios de geografia e almanaques: substituição no item "maior arquipélago fluvial do mundo". Onde se lia Anavilhanas, favor anotar Mariuá. O novo campeão das estatísticas é mais longo que o anterior (extensão de 140 quilômetros, contra 100 de Anavilhanas), e mais largo (20 quilômetros, contra 15 do antigo recordista). E, especialmente, bem mais labiríntico: tem 700 ilhas, 300 a mais do que aquele que todos pensavam reinar absoluto no trono de maior arquipélago fluvial da Terra.

Sugere-se cautela, porém, nas afirmações concernentes ao número de ilhas. O Rio Negro tem uma amplitude fluvial de 10 metros e essa variação entre cheia e vazante faz mudar permanentemente o número de ilhas expostas. Boa parte delas emerge na seca e submerge na estação das chuvas.

Mas, antes de invadir o complexo emaranhado de ilhotas, igapós e igarapés por seus tortuosos canais, antes de testemunhar in loco o vicejante ecossistema decorrente desse fenômeno, vale um esclarecimento. Mariuá sempre esteve onde está, no meio da selva amazônica. A única explicação para seu prolongado anonimato não é nem um pouco científica: o arquipélago simplesmente "passou batido" até esta altura da história humana.

## A descoberta que tirou o título de Anavilhanas

Alguns passageiros dos raros aviões que sobrevoam a região se espantavam com as dimensões de Mariuá. Cientistas ligados ao projeto Radam, que desde os anos 70 mapeavam a Amazônia, já possuíam registros impressos sobre a região. Ocupadíssimos pesquisadores americanos, que passam o tempo escarafunchando cada centímetro do planeta em imagens de satélite, também dispunham de documentação semelhante. E os próprios raros habitantes da região (a menos povoada do Brasil, com 0,2 habitantes por quilômetro quadrado) tinham lá suas suspeitas.

Mas até pouco tempo atrás, ninguém tinha se dado o trabalho de medir o remoto Mariuá. Bastou um jornal de Manaus levantar a suspeita de que o arquipélago conhecido como Anavilhanas 2 — até então o irmão apagado de Anavilhanas — era possivelmente maior do que o grande astro rio abaixo e as confirmações vieram de todos os lados. Dos satélites da Nasa aos radares da CPRM — Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais —, todos constataram que, de fato, Anavilhanas 2 é maior.

### **Fartura de vida nos braços do rio**

O prefeito da cidade de Barcelos, bem em frente ao novo campeão das estatísticas, instituiu um concurso para batizar o arquipélago. Não vieram tantas sugestões assim, mas o nome Mariuá acabou ganhando por causa das tradições e dos significados indígenas. Na língua nheengatu, Mariuá quer dizer fartura, e fartura de vida é o que não falta nos meandros do imenso labirinto. Já no idioma tucano, o mesmo nome significa "braços longos" — e o que mais é o grande arquipélago senão um emaranhado de braços negros de um rio farto e generoso?

Mariué pode literalmente significar fartura se os turistas chegarem. Hoje, esquecida no calor abafado dos trópicos, Barcelos tem sua principal fonte de renda no comércio de peixes ornamentais, como o cardinal, o bodó, o cará e o peixe-borboleta.

As sementes, que caem diretamente no rio, alimentam os cardumes de cardinais e de espécies muito maiores, como os botos cor-de-rosa, que são uma espécie de símbolo do Rio Negro.

### **Bancos de areia, um risco no labirinto**

Quem ousa desafiar o labirinto de ilhas de Anavilhanas e Mariuá pode facilmente ficar perdido num dos muitos canais. Ou, ainda, enterrar-se num banco de areia durante a vazante se regras elementares não forem respeitadas. A principal delas é subir o rio pela beirada e descer ao sabor da correnteza. O Rio Negro, que é negro porque transporta poucos sedimentos, tem uma correnteza forte, que reduz em seis horas a viagem de volta de Barcelos para Manaus (a ida dura trinta horas).

A bordo do barco, o viajante esbarra com o fantástico

paradoxo gerado pelo encontro das águas dos rios Negro e Branco. Eles são, literalmente, o que parecem. O rio Branco, vindo de Roraima, carregado de detritos e barro, encontra o Negro, com sua origem colombiana, justamente no trecho em que Mariuá se expande como um grande lago de centenas de ilhotas e igapós. Na junção, os dois gigantes de água doce se justapõem em linha reta, formando um improvável desenho geométrico, que só visto do alto pode ser avaliado em toda a sua plasticidade. Logo em seguida vem o labirinto verde de Mariuá.

Do ponto de vista dos geólogos, que estudam a região à procura de minérios, o arquipélago é pouco interessante. O possível interesse está na paisagem, no ecossistema peculiar e na ausência de seres humanos. A sensação de solidão é impressionante. As raras almas, vistas em canoas buscando cardinais para enfeitar aquários, são índios ou mesmo mestiços para quem Mariuá é o próprio mundo. Embora, por respeito, não ousem desafiar o labirinto verde, eles são os únicos que conhecem os segredos do arquipélago, um estranho lugar onde as copas das árvores estão ao alcance dos peixes.